

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Artur Azevedo
À Porta da Botica



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Artur Azevedo

À Porta da Botica

(Teatro)

Publicado originalmente em 1983.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855 – 1908)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 524



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Artur Azevedo: “*À Porta da Botica*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

À PORTA DA BOTICA

Cena da época.

PERSONAGENS

ANICETO, tipo da atualidade

DIOGO

OLIVEIRA, um rapaz de 12 anos

PASSANTES

CENA ÚNICA

Vista de rua escura. À direita uma botica, à porta da qual vêem-se algumas cadeiras.

ANICETO, depois TODOS (*por seu turno.*)

ANICETO (*Velho jarreta, entra fumando e observando as cadeiras.*)

- E esta! ainda ninguém! (*Vê o relógio.*)

Pois já lá vão sete e meia!

E os meus colegas não vêm

Pra falar da vida alheia!

Já as cadeiras estão

No seu lugar competente... (*Senta-se.*)

Como corre a viração

Às portas de uma botica!

Se o juízo não me mente,

Quem está doente, bom fica,

Fica bom quem 'stá doente...

Temos bem que dar à língua

Aujourd'hui, meus colegas,

Esta gentinha anda à míngua

De meia dúzia d'sfregas...

Isto de andar a falar

Da vida do semelhante

É gosto bem singular,

Mas não será doravante:

É uma necessidade

Pra dar que falar ao povo,

Mentira seja ou verdade,

Só se quer - assunto novo! - (*Levanta-se.*)
Os senhores já adivinham
O que lhes conto? por Cristo?
Ora, senhores, não tinham
mais do que olhar: (*Indica.*)
Esta casa é uma botica
Que vende sempre a quem passa:
Pastilhas de mel d'angica
Cataplasmas de linhaça...
O lugar é solitário.
Nem mesmo tem lampião... (*Confidencialmente.*)
- Cuidado com o boticário
Que não passa dum... boticário,
E o seu caixeiro, o Senhor Mário,
Maluco como o patrão
Eu não falo da vida alheia.
Isto é só fazer idéia...(*Mostra as cadeiras.*)
Nas cadeiras que aqui 'stão
Com muita constância tem,
As noites, uma reunião,
Um dia sim, outro também...
Aqui se fala de tudo.
Tudo por aqui contado é:
Sofrendo o pai do cascudo,
Sofre o avô do jacaré...
Se um sujeitinho lá bifa
Ao patrão certa quantia,
Se aquele faz uma rifa,
Se um outro não anda em dia,
Se um quebra, foge aos credores,
Se outro ajunta depressa,
Se aquele já tem amores,
Mal o avô-torto começa
Há que ser analisado
Na porta do boticário:
O pobre, o remediado,
O econômico perdulário!
Eu não falo da vida alheia,
Isto é só fazer idéia!
Falamos todas as noites
No que é no que fora,
Todos aqui chucham açoites,
Em todos os meto a tesoura!
E no que me der o cavaco,

Nele mais se mete a faca,
Hei de levar pro tabaco,
Hei de cortar na casaca!
Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer idéia... (*Entra Diogo.*)

DIOGO (*Com um charuto apagado.*)
- Seu Aniceto, dá-me o seu fogo?

ANICETO

- Por que não, Senhor Diogo?... (*Diogo, depois de acender o charuto, restitui o de Aniceto sem agradecer-lhe. Sai.*)

ANICETO (*Só*)

- É impolítico o Senhor Diogo!
Impolítico... malcriado!
Eu servi-lhe com meu fogo,
E não me disse obrigado!...
Este sujeito é um tratante,
Cautela, muita cautela,
Fala dos outros bastante,
E furta sem mais aquela!
Ainda há três dias
Queixou-se um negociante
Que vendeu mercadorias
A ele, qu' é um bom tratante!
Ouvi dizer numa venda
Que pediu a uma loureira
O anel - Deus me defenda -
Pra pagar a lavadeira:
Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer idéia... (*Passa pelo fundo um passante.*)
Viram aquele sujeito?
Cuidado, muito cuidado,
Diz que pra cousa tem jeito,
É um tratante refinado,
Ou refinado tratante,
Eu cá não faço questão
De vogal ou consoante,
De ser cachorro ou ser cão,
De ser tratante ou ladrão!
Me disseram qu' outro dia
A firma imitou do Sousa
Com uma tal maestria,

Que ninguém deu pela cousa!
E qu'anda co'uma donzela
E um constante derricko,
Subindo pela janela
Sem que ninguém dê por isso!
Enfim 'stou capacitado
Qu'ê um tratante de mão cheia;
Mas olhem: este seu criado
Não fala da vida alheia
Isto é só fazer idéia... *(Passa outro tipo.)*
Aquele é o tio do homem
Que há pouco pediu-m'o fogo,
Dizem que os cobres lhe somem
Sempre na banca do jogo;
Mulher e filhos não comem:
A panela está no fogo,
Ou - está no fogo a panela,
Sem nada ter dentro dela!
A filha já tem morgados
E o pai inda a tem por casta:
- O velho é maluco e basta!...
(Entre parêntesis - não gosto
Da história do tal tijolo,
Por causa dele eu aposto:
Se perde muito o miolo! -
Mas pensem agora os senhores,
Que apesar da circunstância,
Não tenho também amores
Com a Senhora Dona Amância! -)
Mas voltemos à questão,
la dar uma opinião:
Enquanto o velho se abrasa,
No voltarete se pega,
A menina fica em casa,
Pra jogar a cabra-cega!
Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer idéia...
(Passa o rapaz de 12 anos largando gordas fumaças de um charuto.)
Olhem pr'aquele fedelho
Como gosta da fumaça!
Decerto toma em conselho
Como aí qualquer chalaça!
Parece filho do Neves,
Nada há que mais pareça...

O Neves Ramos? que deve
Os cabelos da cabeça? (*Aponta para um sobrado.*)
Olhem: nesta casa moram
Três ou quatro sujeitinhos:
O primeiro sei que namora
Uma viúva e já agora...
Etcoetera e tal... pontinhos...
Mas como tem bons cobrinhos,
Como essa viúva é rica,
Não se importa cos vizinhos.
Nem com a porta da botica!
O segundo é um soldado:
O terceiro é um agiota,
Que apesar d'haver quebrado,
Não deixa d'andar janota!
O quarto não sei quem é:
Mas eu hei de me informar.
(Isso é mais velho que a Sé.)
Pra vir dele aqui falar!
Sei que se chama Fernando,
E trabalha, ... vadiando;
Se lhe pergunto a razão
Por que sempr'anda na pândega,
Responde: Que admiração!
Sou empregado na Alfândega!
Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer idéia...
Mora naquele sobrado
Uma moça que fabrica
Tijolo com o namorado;
E o pai não se certifica,
Nem pergunta a Dona Anica
O que aquilo significa,
Quem é aquele rapaz,
Não teme a língua dos dois,
Nem a... porta da botica!
Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer idéia...
Na outra - pegado - mora
Um médico muito excelente,
Da carreira inda na aurora,
Já tem morto muita gente!
Dizem que a cura prolonga
Co'algumas drogas fatais,

Para a moléstia ser longa,
E os cobres renderem mais!
Tem no convento um irmão
De aventuras muito farto,
Roubou a filha ao patrão
Abandonou-a num quarto (*Comovido.*)
Coitada! morreu de parto!
Eu não falo da vida alheia
Isto é só fazer idéia...
(*Aparece Oliveira vestido para o baile. Ao passar pelo fundo, cai-lhe alguma coisa e abaixa-se para apanhá-la.*)
Quem é aquele sujeito
Que abaixou-se na rua?...
Inda não o vi bem de jeito,
E agora... escondeu-se a Lua!
(*Vai para junto de Oliveira e, sem que ele dê por isso, corta-lhe a aba da casaca com uma tesoura.*)

OLIVEIRA (*Consigo.*)
- E esta! perdi um botão...
Quem achar seja feliz...
Escapuliu-me da mão...

ANICETO (*À parte.*) - Eu não ouço o que ele diz.

OLIVEIRA (*À parte.*) - Também o que pode valer?
Custa só meia pataca
O que acabo de perder! (*Sai*)

ANICETO (*À parte.*)
- Já lhe cortei a casaca (*Desce à cena com a aba na mão.*)
Este sujeito é o Oliveira
Ignoro o comportamento...
Vejam os se na algibeira
Tomo algum apontamento! (*Tira um lenço da algibeira da aba.*)
Um lenço fino de Irlanda;
Não 'stá inda pago. Uma aposta.
A marca está doutra banda...
Vejam os: José da Costa!
Um lenço do Zé da Costa
Na algibeira d'Oliveira!
Ah! já vejo que ele gosta
Como eu da ladroeira!
Oh! descaramento imenso!

Que ação negra e medonha!
Roubar... roubar um lenço!
É muito pouca vergonha!
Conto hoje na botica
O miserável atentado,
Amanhã o povo fica
Ciente... (*Tirando dez tostões da algibeira da aba.*)
Muito obrigado. (*Remexendo*)
Ah! inda um papel se pilha!
Vejamos o que ele diz! (*Vendo.*)
Subscritado a minha filha (*Lendo.*)
"Joana, sou mui infeliz
Como o nosso amor puro e santo;
Te espero amanhã no canto,
Daremos uma fugida;
Joaninha, minha vida,
Meu querubim, meu amor,
Nem mais aqui voltaremos,
Teu pai esquecer devemos,
Não passa de um falador!
Manda dizer por escrito,
Se o pequeno, que nasceu,
Está feio ou 'tá bonito
Está vivo ou já morreu!" (*Desespera.*)
Minha filha ter um filho!
Minha filha desonrada!
Ai, meus amigos, se os pilho...
Não me faltava mais nada!
Em vez de estar a vigiá-la,
Pois não tem nada de feia,
Eu vinha cá pra senzala
Falar da vida alheia!
Vou abandoná-la! um capricho:
Estas cousas não consomem...
Porque um gato é um bicho,
E um homem foi sempr'um homem!
(*Saindo arrebatadamente.*)
Vou casá-los, vou casá-los...

CAI O PANO.

BIOGRAFIA

Artur Azevedo (A. Nabantino Gonçalves de A.), jornalista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira nº 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça *Amor por anexins*, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873 e obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como *A Gazetinha*, *Vida Moderna* e *O Álbum*. Colaborou em *A Estação*, ao lado de Machado de Assis, e no jornal *Novidades*, onde seus companheiros eram Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças dramáticas, como *O Liberato* e *A família Salazar*, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de *O escravocrata*. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em *O País* ("A Palestra"), no *Diário de Notícias* ("De Palanque"), em *A Notícia* (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a *Revista do*

Teatro. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume *Contos possíveis*, dedicado a Machado de Assis, seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, *Contos fora de moda*, e mais dois volumes, *Contos cariocas* e *Vida alheia*, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor do cotidiano da vida carioca e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como *A jóia*, *A capital federal*, *A almanarra*, *O mambembe*, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

Academia Brasileira de Letras
Fevereiro, 2014